



POLÍTICAS DE FEMINILIDADES E MASCULINIDADES NA GINÁSTICA ARTÍSTICA DO SÉCULO XXI

Adriano Martins R. Passos⁷

A participação quase perfeita da ginasta norte americana Simone Biles nos Jogos Olímpicos Rio 2016, espantou não somente aqueles e aquelas apaixonados/as pela ginástica artística - ainda nomeada como ginástica olímpica - como o grande público que acompanhou o maior evento esportivo da Terra. Das provas que participou, Biles ganhou ouro no individual por equipe, individual geral, no salto sobre a mesa e no solo. Sua participação “menos espantosa” foi a conquista da medalha de bronze na trave de equilíbrio. Diante dessa magnífica atuação, Biles foi comparada pela imprensa com o campeão estadunidense de natação Michael Phelps e o velocista jamaicano Usain Bolt, o que obviamente não agradou a ginasta e a fez responder criticamente: “Eu não sou a próxima Michael Phelps e nem a próxima Usain Bolt. Eu sou a primeira Simone Biles.” (VEJA, 2016, s/p). Se os feitos da ginasta estadunidense foram vistos como extraordinários, as tentativas de comparar a performance de uma mulher com a de um homem não são nada incomuns, pois esses acontecimentos têm sido recorrentes tanto dentro como fora dos esportes de alto rendimento. Mais do que isso, a acareação dos feitos femininos, tendo os dos homens como o valor de referência, tem sido observada desde o momento da apropriação do esporte pelas mulheres por volta da metade do século XIX. Kathleen E. McCrone (1984), ao analisar a inserção gradual das mulheres no campo esportivo educacional e logo após no campo competitivo no período vitoriano, sustenta que as garotas precisavam manter suas atenções voltadas às demonstrações e afirmações de suas feminilidades, mas também se aterem aos valores de excelência que eram ditados pelas conquistas masculinas. Desse modo, a autora afirma que as mulheres permaneceram alocadas como o “outro”, o “segundo sexo” desde sua inserção, no século XIX, e também durante sua exponencial participação no contexto esportivo durante o século XX. Uma estratégia que ainda perdura no século XXI, exemplificado pelo ocorrido com a ginasta Simone Biles. Possivelmente a recorrente necessidade de se comparar as mulheres aos homens, seja uma evidência daquilo que Bourdieu (2016, p. 23) chamou de visão androcêntrica do mundo. Cenário que pode ser observado quando tomamos a força da ordem masculina como um fato que não exige justificativa, pois ela ainda é tida como “neutra” - inclusive na utilização do gênero gramatical masculino como universal, não precisando desse modo, ser legitimada por outros meios. Um maquinário simbólico que reforça a dominação da qual nasceu e foi construída, que assegura a divisão sexual do trabalho, a distinção das atividades atribuídas aos sexos, bem como as suas apropriações dos espaços, instrumentos e das vivências de seus próprios corpos. Pierre Bourdieu declarava que esse ordenamento que é estrutural e funciona como um dispositivo estruturante, “É característico dos dominantes estarem prontos a fazer reconhecer sua maneira de ser particular como universal” (BOURDIEU, 2016, p. 91). Assim, a crítica que se levanta não é a comparação em si, mas a insistência dada pelos discursos que configuram as atuações masculinas como sendo sempre superiores às performances femininas, como se qualquer atuação feminina sempre fosse o reflexo, uma característica derivacional das façanhas masculinas. Diante desse problema, este trabalho enseja promover uma pesquisa bibliográfica e documental acerca das políticas de feminilidades e masculinidades na prática competitiva da Ginástica Artística, tomando como início do recorte histórico os Jogos Olímpicos de Berlim 1936, quando o torneio tomou o formato atual, indo até a análise do

⁷ Doutorando em Sociologia - Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal de Goiás. Membro do Ser-tão - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (FCS/UFG) e do TRAMA - Círculo Goiano de Análise do Discurso (FL/UFG).



Código de Pontuação 2017/2020. Com relação aos aparelhos, este trabalho focará sua análise em dois deles: o solo e a mesa de salto. Essa escolha se deu porque esses dois aparelhos compõem tanto nas competições masculinas quanto nas femininas, tornando possível analisar e comparar as regras e os discursos a partir da problemática do gênero. Dito isto, esta pesquisa ao utilizar a análise do discurso de vertente francesa como estratégia para a problematização dos discursos, concluiu preliminarmente que as separações de homens e mulheres no contexto das competições da Ginástica Artística se deram e se mantiveram a partir das percepções oferecidas pelas ciências do século XVIII e XIX, principalmente aquelas que se dispunham a afirmar sobre a fisiologia, morfologia e anatomia dos corpos e seus usos, em consonância com o ordenamento social, as resistências aos discursos vigentes e as contrarresistências à Primeira e à Segunda Onda do Movimento Feminista que emergiram no final do século XIX e avançaram pelo século XX. Ao que tudo indica os movimentos do corpo humano foram classificados, ordenados e direcionados a partir da invenção das diferenças anatômicas e fisiológicas entre homens e mulheres que, por um conjunto de poderes-saberes, consequentemente inventaram/condicionaram o entendimento de que quaisquer movimentos do corpo humano seriam o reflexo “natural” das diferenciações dos sexos. Discursos que podem ser observados na diferenciação/distinção entre as provas de solo masculina (sem acompanhamento de música) e feminina (com acompanhamento musical), nas exigências feitas às mulheres para que suas apresentações sejam belas e expressivas, na obrigatoriedade dos homens de performarem elementos de força e resistência, assim como na diferença entre os valores dos mesmos elementos executados por homens e mulheres, seja no solo ou no salto sobre a mesa.

Palavras-chave: *Ginástica Artística; Gênero; Feminilidades; Masculinidades; Discurso*

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3 ed. Edições BestBolso, Rio de Janeiro, 2016;

MCCRONE, Kathleen E. The ‘lady blue’. Sport at the Oxbridge women’s college from their foundation to 1914. In: **A sport-loving society: Victorian and Edwardian middle-class England at play**. J. A. Mangan (Org.). London, UK: Routledge Taylor & Francis Group, 2006, p. 153-176;

REVISTA VEJA. **Por que a ginasta Simone Biles é também um fenômeno científico**. (16 ago. 2016). Disponível em: <http://veja.abril.com.br/ciencia/por-que-a-ginasta-simone-biles-e-tambem-um-fenomeno-cientifico/> Acesso em 21 jun. 2017;